


VERMELHO
COMO O SANGUE

SALLA
SIMUKKA

Tradução:
Bárbara Menezes





DOMINGO, 28 *de fevereiro*



O branco cintilante espalhava-se por toda parte. Sobre a neve velha, uma camada nova e limpa caíra quinze minutos antes. Quinze minutos antes, tudo ainda era possível. O mundo parecia lindo, o futuro bruxuleava em algum lugar distante: mais esperançoso, mais livre e mais pacífico. Um futuro pelo qual valia a pena arriscar tudo, pelo qual valia a pena ir com tudo, pelo qual valia a pena tentar aproveitar a oportunidade.

Quinze minutos antes, uma neve suave e macia espalhara um fino cobertor de penas por cima da antiga camada de neve. Depois, havia parado, tão de repente quanto começara, seguida por raios de sol que se infiltravam nas nuvens. Dificilmente houvera em todo o inverno um dia tão bonito.

Agora, a cada instante, mais sangue invade o branco, espalha-se, ganha terreno, avança arrastado pelos cristais, mancha-os ao passar. Um pouco do vermelho fluíra mais adiante, um vivo e penetrante carmim salpicando a neve.

Natalia Smirnova, com olhos castanhos, fitou a neve salpicada de vermelho, sem nada ver. Sem nada pensar. Sem nada esperar. Sem nada temer.

Dez minutos antes, Natalia tivera esperança e medo mais do que em qualquer outro momento da vida. Com as mãos trêmulas, enfiara dinheiro em sua bolsa Louis Vuitton autêntica, ouvindo ansiosa até o menor farfalhar vindo de fora. Ela tentara acalmar os nervos, assegurar a si mesma que tudo estava bem. Ela tinha um plano. Porém, ao mesmo tempo, soubera que nenhum plano era perfeito, nunca. Um edifício intrincado cuidadosamente construído ao longo de meses pode desmoronar com o menor cutucão.

A bolsa também continha um passaporte e uma passagem de avião para Moscou. Ela não levava mais nada. No aeroporto de Moscou, seu irmão esperaria com um carro alugado, pronto para levá-la por centenas de quilômetros até uma *dacha*¹ que apenas poucas pessoas conheciam. Lá, sua mãe a esperaria com Olga, a menina de três anos, a filha que ela não encontrava havia mais de um ano. Sua filhinha ao menos se lembraria dela? Mas não importava. Um mês ou dois escondendo-se no interior lhes daria tempo para se conhecerem de novo. Enquanto esperavam até ela acreditar que estavam seguras. Enquanto aguardavam que o mundo esquecesse Natalia Smirnova.

Natalia abafara a voz incômoda na sua cabeça que insistia que ninguém jamais a esqueceria. Que não permitiriam que ela desaparecesse. Ela garantira a si mesma que não era tão importante que eles não pudessem simplesmente substituí-la se fosse necessário. E dar-se ao trabalho de rastreá-la seria incômodo demais, de qualquer forma.

Nesse tipo de trabalho, pessoas desapareciam de vez em quando, geralmente levando algum dinheiro com elas. Esse era apenas um dos riscos de fazer negócios; uma perda inevitável como a fruta estragada que uma mercearia tivesse de jogar fora.

¹ Típica casa de veraneio russa. (N.T.)

Natalia não contara o dinheiro. Ela apenas enfiara o quanto pudera na bolsa. Algumas das notas haviam se amassado, mas isso não importava. Uma nota amassada de quinhentos euros valia tanto quanto uma perfeita. Ainda poderia comprar comida por três meses com ela, talvez quatro, caso fosse muito cauteloso. Ainda poderia usá-la para comprar o silêncio de alguém por tempo suficiente. Para muitas pessoas, quinhentos euros era o preço de um segredo.

Agora, Natalia Smirnova, vinte anos, estava deitada com o rosto voltado para baixo, a bochecha na neve fria. Sem sentir o formigamento do gelo contra sua pele. Sem sentir o arrepio gelado de dez graus negativos nos lóbulos nus das orelhas.

O homem havia cantado para ela — com uma voz áspera, desafinada — sobre uma mulher chamada Natalia. Natalia não havia gostado da música. A Natalia da canção era da Ucrânia, enquanto ela era da Rússia. Por outro lado, ela havia gostado do homem que cantava e acariciava seus cabelos. Ela apenas tentara não prestar atenção à letra. Felizmente, havia sido fácil. Ela sabia um pouco de finlandês, entendia muito mais do que conseguia falar, mas, quando parou de se esforçar e deixou a mente relaxar, as palavras estrangeiras correram juntas, perdendo o significado e tornando-se nada além de combinações de sons que caíam da boca do homem enquanto ele docemente cantarolava contra o pescoço dela.

Cinco minutos antes, Natalia estivera pensando naquele homem e nas mãos um pouco desajeitadas dele. Sentiria ele falta dela? Talvez um pouco. Talvez só um pouquinho. Porém, não o suficiente, porque ele nunca a amara, não de verdade. Se ele a tivesse amado, amado mesmo, teria resolvido os problemas de Natalia por ela, como prometera tantas vezes. Agora, Natalia tinha de resolver seus problemas por conta própria.

Dois minutos antes, Natalia fechara rapidamente a bolsa, que estava abaulada de dinheiro. Depressa, ela a amarrara e, depois,

olhara para si mesma no espelho do saguão da frente. Cabelos loiros descoloridos, olhos castanhos, sobrancelhas finas e lábios vermelhos brilhantes. Ela estivera pálida, com círculos escuros sob os olhos por ter ficado acordada até tarde. Ela estivera prestes a ir embora. Na boca, sentira o gosto da liberdade e do medo; ambos apresentavam um pungente sabor metálico.

Dois minutos antes, ela havia olhado o seu reflexo no olho e erguido o queixo. Aquela era sua chance de escapar, e ela a aproveitava.

Foi quando Natalia ouviu a chave girar na fechadura. Ela congelara no mesmo lugar, aguçando a audição. Um conjunto de passos, depois outro, e um terceiro. A Troika. A Troika vinha pela porta.

Tudo o que ela podia fazer era correr.

Um minuto antes, Natalia havia disparado pela cozinha na direção da porta do quintal. Ela tivera dificuldade com a fechadura. Suas mãos estiveram muito trêmulas para destrancar a porta. Depois, por algum milagre, ela cedera, e Natalia correria pelo terraço coberto de neve até o jardim. Suas botas de couro haviam afundado na neve fresca, mas ela continuara em frente sem olhar para trás. Ela nada ouvira. Ela pensara por um momento que talvez conseguisse, talvez pudesse escapar, talvez pudesse mesmo vencer.

Trinta segundos antes, uma pistola encaixada em um silenciador disparara com um estalido baixo e uma bala perfurara as costas do casaco de Natalia Smirnova e sua pele, por pouco não acertara a coluna e atravessara rasgando seus órgãos internos e, por fim, a alça de sua bolsa Louis Vuitton, que ela apertava contra o peito. Ela caíra para a frente na neve pura e intocada.

Agora, a poça vermelha embaixo de Natalia continuava a se espalhar, consumindo a neve à sua volta. O vermelho ainda estava voraz e quente, mas esfriava a cada segundo que se passava. Um conjunto de passos lentos e pesados aproximou-se de Natalia Smirnova enquanto ela estava deitada na neve. Mas ela não escutou.



SEGUNDA-FEIRA, *29 de fevereiro, de manhã cedo*

Três pessoas se acotovelavam entre grandes portas duplas, cada uma querendo entrar primeiro.

— Ei, me dá um pouco de espaço para eu colocar essa chave no buraco.

— Você nunca consegue enfiar nada no buraco.

Risadas, pedidos de silêncio, mais risadas.

— Espere. É isto. Consegui. E, agora, virar devagar. Bem devagar. Uau. É incrível. Digo, você acredita que dá para destrancar uma porta só virando uma chave? Como foi que alguém pensou em um sistema assim? Se quiser minha opinião, é a décima terceira maravilha do mundo.

— Cale a boca e abra a porta.

Forçando a porta até ficar bem aberta, os três empurraram uns aos outros enquanto se amontoavam para entrar. Um quase tropeçou. Outro começou a soltar gritinhos agudos e então riu de como eles ecoavam no grande espaço vazio. O terceiro coçou a cabeça e então digitou o código do alarme do prédio, um dígito por vez.

— Um... Sete... Três... Dois. É isso aí, consegui! E esta é a décima quarta maravilha do mundo. Poder desligar um alarme

digitando alguns números. É isso aí. Agora eu sei o que eu vou ser quando crescer. Vou ser chaveiro. Isso existe, não é? Fazer coisas com fechaduras, eu digo? Ou talvez eu seja segurança.

Os outros dois não ouviam; eles já corriam pelos longos corredores vazios do prédio no escuro, gritando e rindo. O terceiro disparou atrás deles. As risadas ricocheteavam nas paredes, reverberando escadas acima.

— Nós somos os campeões!

Ampeões. Mpeões. Peões. Eões. Ões. Es. S.

— E estamos ricos *pra* caramba!

Colidindo de propósito, eles caíram no chão, rolando para ficar com as costas para baixo e rindo baixinho. Subindo e descendo pernas e braços no piso amplo de lajota. Então, um deles lembrou.

— Estamos ricos, mas o dinheiro é sujo.

— É. Dinheiro dinheiro dinheiro sujo.

— Ei, a gente devia ir para o quarto escuro. Por isso nós viemos.

Se eles pudessem ao menos se lembrar do que acontecera. A memória deles era como uma névoa de *flashes* de eventos separados que apareciam em intervalos aleatórios. Alguns vomitando. Outros nadando nus em uma piscina. Uma porta trancada que não deveria estar trancada. Um vaso de cristal quebrado e lascas que cortaram o pé de alguém. Sangue. Música latejante alta demais. “Oops!... I Did It Again”. Uma música morta e enterada que alguém colocara em repetição, sabe-se lá por quê. Alguém chorando desconsolado, soluçando e dizendo que não queria ajuda. O chão escorregadio com o rum derramado que tinha ao mesmo tempo um cheiro azedo e doce.

As memórias se recusavam a se encaixar em uma ordem lógica. Quem trouxera o saco plástico? Quando tinha trazido? Quem o abria, colocara a mão dentro, puxara-a de volta depressa e lambe o dedo? Quando eles haviam percebido?

Preciso tomar alguma coisa. Rápido. Agora.

— Vocês ainda têm alguma coisa? Eu gostaria de mais uma dose.

— Tenho isto.

Três comprimidos. Um para cada. Juntos, eles os colocaram na língua e os deixaram dissolver.

— Esse é bom. Ah, é. Efeito legal.

Na câmara escura. Escuridão. Então, um deles apertou o interruptor.

— Que haja luz. E houve luz.

Saco plástico na mesa. Saco aberto.

— Ah, meu Deus, isso fede.

— Não é o dinheiro que está fedendo. Dinheiro nunca fede.

— É uma porrada de grana.

— E vamos dividir em partes iguais, em três.

— Isto é tão doentio! Nunca acontece nada assim comigo. Eu amo vocês. Eu amo todo mundo, maldição.

— Sem beijo. Vou ficar todo excitado e perder minha concentração.

— A gente poderia transar bem aqui no chão.

— Nada de transar também. Agora é hora de limpar.

Bandejas de processamento. Água, dinheiro.

Depois, tudo o que eles tinham de fazer era pendurar cada nota para secar.

— Isso é o que eu chamo de lavagem de dinheiro.